



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Design Social como Suporte ao Empreendedorismo Informal: contribuições para o acesso à informação, educação e produção de artefatos

Social Design as Support for Informal Entrepreneurship: Contributions to Access to Information, Education, and Artifact Production

Guilherme Batista¹, Fabiane Rodrigues Fernandes², Cassia Cordeiro Furtado³, Inez Maria Leite da Silva⁴

¹Universidade Federal do Maranhão, Mestrando, guilherme.batista@discente.ufma.br

²Universidade Federal do Maranhão, Doutora, fabiane.fernandes@ufma.br

³Universidade Federal do Maranhão, Doutora, cassia.furtado@ufma.br

⁴Universidade Federal do Maranhão, Doutora, inez.silva@ufma.br

Resumo. O empreendedorismo informal, destacado pelos grupos de vendedores ambulantes, é tema relevante para entender o contexto econômico e social brasileiro, pois enfrenta barreiras de acesso à informação empreendedora e carece de subsídios, materiais instrucionais e ferramentas de capacitação contábil, jurídica e de design. A partir de revisão bibliográfica integrativa, esta pesquisa aplicada, exploratória e qualitativa demonstra os desafios para efetivar o design social no trabalho informal. Combina teorias de design social e economia informal com análises de casos práticos, focando em tecnologias sociais e educação popular para compreender suas inter-relações. A triangulação de informação, educação e produção oferece uma visão abrangente do fenômeno. Por meio do design colaborativo e sustentável com comunidades criativas, os resultados indicam caminhos para o uso de ferramentas de capacitação empreendedora e soluções de design de base popular, apoiadas por tecnologias acessíveis para criar artefatos digitais.

Palavras-chave. Empreendedorismo; Vendedor ambulante; Design.

Abstract. Informal entrepreneurship, highlighted by street vendor groups, is a key topic for understanding Brazil's economic and social context, as it faces barriers to accessing entrepreneurial information and lacks support in the form of instructional materials and accounting, legal, and design training tools. Based on an integrative bibliographic review, this applied, exploratory, and qualitative study demonstrates the challenges of implementing social design in informal work. It combines social design and informal economy theories with practical case analyses, focusing on social technologies and popular education to understand their



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



interrelations. The triangulation of information, education, and production provides a comprehensive view of the phenomenon. Through collaborative and sustainable design with these creative communities, the findings indicate pathways for using entrepreneurial capacity-building tools and grassroots design solutions, supported by accessible technologies for creating digital artifacts.

Keywords: *Informal entrepreneurship; Street vendor; Design.*

1 Introdução

O empreendedorismo informal é um fenômeno global que têm sido foco de diversos estudos nas diversas instâncias em organizações e entidades ao redor do mundo, amplamente pesquisado, especialmente nas economias em desenvolvimento, onde se levantam questões complexas sobre desenvolvimento econômico, inclusão social, regulamentação e a dinâmica com o mercado de trabalho.

São atividades realizadas em grande parte sem o registro formal necessário e geralmente com pouca ou sem cobertura social do poder público. As atividades de empreendedorismo do setor informal contribuem com 10% a 20% do PIB em economias desenvolvidas e até 60% em economias em desenvolvimento (Musara; Nieuwenhuizen, 2020). Além disso, observa-se um interesse crescente em analisar suas ligações com o crescimento econômico e sua correlação inversa com a pobreza e a desigualdade (Silva; Nassif, 2025).

Segundo a Global Entrepreneurship Monitor (GEM), uma instituição internacional dedicada a definir e mensurar o empreendedorismo como o ato de iniciar ou gerenciar um novo negócio, o investimento informal é um pilar fundamental para o surgimento de novos empreendedores. Esse investimento é usado por terceiros ou familiares para os indivíduos desprovidos de dinheiro, bens e crédito, representando uma fonte crucial de financiamento para esses novos negócios. Assim, o investimento pessoal de fundos para novos negócios iniciados por terceiros nos últimos três anos, demonstra que de quase zero a mais de um em cada dez no Brasil, e um em cada cinco no Chile e na Arábia Saudita. (GEM, 2024 p. 34).

A GEM, destaca ainda que, o empreendedorismo desempenha um papel vital no alcance do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 10 da ONU — Redução das Desigualdades (GEM, 2024).

No Brasil, as décadas de 70 e 90 são marcadas pela estruturação da economia industrial, que embora tenha deslanchado um crescimento através da política de substituição de importação, não teve compromisso com a política de pleno emprego. A alta no desemprego, diante da regulamentação de mercado, deixou à parte diversas classes de trabalhadores urbanos (Costa, 2010). Segundo Mattoso (1996), quase três milhões e meio



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



de postos de trabalhos formais foram eliminados com o desemprego em massa em 1990. Inicialmente discutida em 1960 e 1970, a informalidade surge como aspecto de subdesenvolvimento, pela busca de garantir o auto sustento através de trabalho não formal.

Carvalho, Assis e d'Assumpção (2025) destacam a permanência estrutural da informalidade laboral em centros urbanos brasileiros, submetida às mesmas contingências sociais que afetam atividades formais. Mesmo sendo visto como um tipo de trabalho muitas vezes estereotipado e descriminalizado (Costa, 2020), a informalidade no Brasil desempenha um papel relevante na economia, garantindo não só a sobrevivência do trabalhador, mas favorecendo o acesso a outras camadas sociais por parte dele e seus dependentes.

Dentro da informalidade, possivelmente, nem toda atividade de comércio de rua é fruto da crise econômica conjuntural ou da pobreza ou de ações ilegais socialmente condenáveis (contrabando, pirataria, receptação), como afirma Pamplona (2013). Diante da necessidade do autossustento, esses trabalhadores recorrem à rua para a venda de produtos e serviços, em modelos de trabalho similares ao trabalho formal, mas com jornadas ainda mais exaustivas e ausência de proteção social. Segundo o Instituto Veredas, depois da crise iniciada em 2014, o nível de informalidade no Brasil passou de quase 34% para 41,6% em 2019. Esse quadro se tornou ainda mais difícil, a partir de 2020, com a chegada da maior crise sanitária dos últimos anos, a COVID-19, causando uma grande desocupação de postos de trabalho, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024). Embora a retomada pós-pandêmica tenha iniciado em 2022, apenas em 2023 o volume de ocupações equiparou-se aos níveis pré-COVID-19, registrando-se que 25,8% da população ocupada atuava como trabalhador autônomo no primeiro trimestre deste ano (IBGE, 2024).

A informalidade é um conceito que ainda gera debates na literatura, principalmente sobre o que deve ou não ser classificado como informal. Quando se pensa em empreendedores informais, é comum visualizar pequenos produtores ou vendedores ambulantes em economias em desenvolvimento (Salvi *et al.*, 2023). Diferentemente do empreendedor individual, o informal não possui qualquer tipo de registro de suas atividades. O relatório GEM (2023-2024) aponta que, apesar do aumento de novos empreendedores, a formalização é evitada devido a custos e obrigações fiscais.

O termo “informal” foi inicialmente conceituado como “setor informal”, enfatizando a natureza do processo produtivo, da empresa e da unidade produtiva, além de sua relação com a baixa produtividade e a pobreza (Pamplona, 2013). Assim o termo empreendedor informal, pode ter uma definição como “trabalho não regulamentado e localizado de forma majoritária em setores de baixa produtividade e rentabilidade como a pequena produção familiar, atividades comerciais ambulantes e outras voltadas à subsistência” (Lima, 2010, p. 172).



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



De uma forma bem generalizada e simplista, são pessoas muitas vezes de mão de obra sem qualificação, poucos conhecimentos técnicos e teóricos (Terron; Terron, 2022). Nesse entendimento, o empreendedor informal lança mão da sua criatividade nos diversos contextos onde está inserido, levantando recursos físicos e criativos para sua subsistência diária.

Assim, a definição do termo correto ainda está em constante análise nos correntes estudos, conforme cita Rudio (1986), pois, não existem regras padronizadas para alguém saber, com certeza, quais termos que devem ser selecionados para definição. E ainda, o pesquisador não está interessado diretamente nas palavras, mas nos conceitos que elas indicam e nos aspectos da realidade empírica que elas nos mostram.

Além da definição correta da palavra que será usada na pesquisa, conforme Terron e Terron (2022), esse empreendedor é tido como sendo o agente detentor das estruturas de mudança, com desenvoltura de descobrir novos nichos. Afirmam também que, o empreendedorismo poderá ser avaliado como a criação de “alguma coisa nova” a partir da apropriação de uma oportunidade. (Terron; Terron, 2022).

O empreendedorismo informal chama a atenção de como usa os múltiplos modos de capacitação e desenvolvimento em oportunidades de novos negócios e abre muitas opções para o entendimento multidisciplinar do trabalho. Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo analisar de que maneira o design social pode atuar como suporte ao empreendedorismo informal, como foco no acesso à informação, educação e produção de artefatos.

2 Referencial Teórico

A fundamentação teórica desta pesquisa estrutura-se em três eixos inter-relacionados: conceitos do design, barreiras e mecanismos mediadores; que sustentam a análise das intersecções entre design social e empreendedorismo informal. A economia local do estudo, enfrenta barreiras que podem ser superadas por mecanismos de design e sua constante reinvenção.

2.1 Design Social, Participativo e Economia Informal

O design social configura-se como disciplina projetual orientada à transformação sistêmica, conforme definido por Manzini (2015). Sua operacionalização ocorre mediante a criação de ambientes (digitais ou físicos) que habilitam comunidades a desenvolver soluções autogestionadas para desafios locais. Essa abordagem articula-se em dois eixos interconectados: a capacitação para autogestão e a integração estratégica de recursos locais.

No primeiro eixo, o design fornece instrumentos metodológicos que viabilizam a organização cooperativa de atividades econômicas. Essas ferramentas convertem grupos sociais em agentes ativos de sua transformação econômica, conforme evidenciado no movimento *Slow Food* (Manzini, 2015). Neste contexto, pequenos produtores agrícolas alcançaram autossuficiência através de redes colaborativas estruturadas por diretrizes de



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



design. Manzini (2015) demonstra ainda como ferramentas gerenciais e plataformas digitais, quando contextualizadas em ecossistemas informais. Isso os incentiva, facilitando a replicação de ideias e o desenvolvimento de novas iniciativas.

Já Victor Margolin (2002), discute o papel do design na sociedade contemporânea, sua evolução histórica, desafios éticos com potenciais transformadores. Destaca que o design deve ser reinventado por está atrelado a cultura do consumo industrial em massa e que isso implica em problemas complexos sociais, econômicos, culturais e ambientais.

Como não houve uma reinvenção fundamental da prática do design para que ela desempenhe um papel ativo na cultura da sustentabilidade, não existem caminhos claros para novas formas de prática. Os designers precisam repensar sua prática, tanto individual quanto coletivamente, a fim de encontrar maneiras de lidar com os enormes problemas que a humanidade enfrenta. Um dos maiores deles é o crescimento acelerado das cidades, particularmente nos países em desenvolvimento, onde se espera que a população urbana dobre nos próximos vinte e cinco anos (Margolin, 2002, p. 101).

Sobre aspectos tecnológicos, ele ressalta que as novas tecnologias permitem o designer redefinir o que é industrial e artesanal. A contribuição de Margolin (2002) ao pensamento de design, reforça o compromisso que o profissional especialista deve ter com a sociedade, grupos ou comunidades ao qual ele se insere nesse pleno desenvolvimento das cidades e forças de trabalho.

Outro autor importante para a reflexão é o Pell Ehn (2017), um dos fundadores do movimento de design participativo (DP) na Escandinávia. Em suas pesquisas desde a década de 1970, ele descreve sua jornada e as transformações do DP através de diferentes décadas. No início de suas pesquisas, Ehn (2017) destaca o papel da colaboração e cooperação comunitária para a produção do conhecimento local. Ele analisou trabalhadores da siderurgia norueguesa, citando da mesma forma e corroborando com os estudos e pesquisas Paulo Freire, sobre os materiais de ensino extraídos dos desafios práticos e saberes locais.

Um exemplo prático dessas pesquisas foi o projeto *Knowledge and Learning in Healthcare* (KLIV) ou “Conhecimento e Aprendizado em Saúde” (livre tradução). Nele, os designers pesquisadores levaram o DP como catalisador ao desenvolvimento de ferramentas e práticas informais do aprendizado para profissionais de saúde através de vídeos, curta-metragens, maquetes e um “aplicativo”.

Apesar das contribuições tangíveis de intervenções como o projeto KLIV, que demonstra a aplicação do design participativo na criação de artefatos (vídeos, aplicativos) para dar suporte ao aprendizado informal entre profissionais de saúde, ainda persiste a necessidade de investigar as insuficiências na circulação e acesso ao conhecimento em ambientes de trabalho não estruturados.

A atividade do comércio de rua ou ambulante se caracteriza pela diversidade da informalidade, refletindo a heterogeneidade inerente à totalidade desse tema. Assim, o



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



PPGdG UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

empreendedorismo informal se torna um dos meios importantes para a produção e sustento de grupos plurais, tornando-se um meio vital para a sobrevivência humana.

2.2 Barreiras Tríplex: informação, educação e produção

O analfabetismo funcional representa um obstáculo significativo ao desenvolvimento individual e social, caracterizando-se pela limitação na capacidade de compreender, utilizar e interpretar textos escritos em situações do cotidiano, apesar do domínio básico de letras e números (Santos, 2023). Conforme destaca Ribeiro (1997), este fenômeno diferencia-se do analfabetismo absoluto por sua natureza operacional, manifestando-se na insuficiência de habilidades para responder adequadamente às exigências sociais e laborais. A mensuração desse quadro é realizada por meio de instrumentos como o Indicador de Alfabetismo Funcional - INAF (Instituto Paulo Montenegro, 2016), que classifica a população em quatro níveis de proficiência – analfabeto, rudimentar, básico e pleno –, utilizando testes padronizados e a Teoria da Resposta ao Item (TRI) para permitir comparações temporais. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), referentes ao período de 2018 a 2021, evidenciam que entre 29% e 34% dos brasileiros na faixa etária de 15 a 64 anos situam-se nos estratos mais baixos (rudimentar ou analfabeto funcional), com disparidades marcantes entre regiões e grupos socioeconômicos.

A mitigação do analfabetismo funcional demanda intervenções pedagógicas específicas, com ênfase no letramento crítico e na adoção de métodos adaptativos. O cenário educacional brasileiro enfrenta desafios estruturais mais amplos. Indivíduos desfavorecidos enfrentam barreiras tanto para acessar quanto para permanecer na educação. Como resultado, os níveis de desempenho e participação na educação variam significativamente entre a população brasileira (OECD, 2021).

Os resultados do último ciclo do Programme for International Student Assessment (PISA), traduzido como Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (BRASIL, 2023), são elucidativos: metade dos estudantes brasileiros avaliados não alcançou o nível mínimo de proficiência em Leitura (BRASIL, 2023). Esta lacuna formativa coloca em risco a futura inserção desses jovens no mercado de trabalho. Ao competirem por vagas formais, eles carregam consigo uma barreira substantiva relacionada ao acesso à informação e à aprendizagem profissional contínua. Tal limitação frequentemente os direciona para atividades na economia informal.

A correlação entre habilidades insuficientes e restrições no mercado formal de trabalho é corroborada por dados específicos sobre o alfabetismo funcional. O Indicador de Alfabetismo Funcional (Instituto Paulo Montenegro, 2016) aponta que 27% da população brasileira entre 15 e 64 anos era classificada como analfabeta funcional, sendo 4% analfabetos absolutos e 23% no nível rudimentar. Indivíduos nestas condições encontram dificuldades concretas para realizar atividades básicas exigidas em ocupações formais e remuneradas. O próprio INAF (Instituto Paulo Montenegro, 2016) ressalta que



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



estas habilidades são determinantes para a empregabilidade, especialmente entre aqueles com baixa escolaridade formal, medida em anos de estudo ou séries concluídas. Portanto, as barreiras tríplices – a limitação no acesso e processamento da informação, as deficiências na educação formal e a consequente restrição à inserção na produção formal – configuram um ciclo complexo que perpetua a exclusão e alimenta a expansão da economia informal.

As barreiras interligadas de informação, educação e produção exercem influência na configuração e na dinâmica da economia informal, condicionando tanto o setor quanto os indivíduos que nele atuam. A limitação no acesso e no processamento adequado de informação, frequentemente decorrente do analfabetismo funcional (IBGE, 2022), restringe a capacidade dos trabalhadores de compreender normas, procedimentos burocráticos e oportunidades de qualificação ou financiamento. Paralelamente, as deficiências na educação formal, evidenciadas pelo fato de metade dos estudantes brasileiros não alcançarem o nível mínimo de proficiência em Leitura (BRASIL, 2023), comprometem a formação de habilidades cognitivas e socioemocionais básicas (Macedo et al., 2004), dificultando a adaptação às exigências do mercado formal e a absorção de novos conhecimentos técnicos. Esta dupla fragilidade, informacional e educacional, culmina na restrição à inserção na produção formal, direcionando parcela significativa da força de trabalho para atividades informais. Consequentemente, o próprio setor informal é marcado por baixa produtividade, reduzida inovação e dificuldade de integração às cadeias produtivas formais. Este ciclo, alimentado pelas três barreiras, perpetua condições de vulnerabilidade socioeconômica.

2.3 Mecanismo de Design Social como Pontes

O analfabetismo funcional constitui um fator estrutural que impacta significativamente a população economicamente ativa. Diante das limitações do sistema formal de ensino, a educação não-formal apresenta-se como alternativa viável para capacitação (Porto; da Silva, 2023; Gohn, 2006; Gadotti, 2005), especialmente no contexto da economia informal. Esta modalidade educativa, caracterizada pela flexibilidade curricular, vinculação direta às necessidades práticas e adaptação aos horários laborais, oferece percursos formativos centrados em competências de aplicação imediata (Souza et al., 2024; Porto; da Silva, 2023).

Dentro desse âmbito, a aprendizagem horizontal (Dell'Agnolo; Bohn; Dip, 2016), fundamentada na troca de experiências entre pares e na construção coletiva de conhecimento, demonstra maior eficácia em ambientes informais comparativamente a modelos pedagógicos verticais (Betim et al., 2018; de Jesus; Sena; Andrade, 2014). Práticas como mentorias comunitárias, oficinas colaborativas e círculos de aprendizagem facilitam a apropriação de saberes ao valorizar o conhecimento tácito dos participantes (Martins et al., 2021; Kaji et al., 2021; de Souza, 2006). Esta abordagem favorece o engajamento, respeita diferentes ritmos de assimilação e fortalece redes de apoio mútuo.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Neste contexto, destacam-se as comunidades criativas, entendidas como grupos de indivíduos que, colaborativamente, criam, aprimoram e gerenciam soluções inovadoras para novos estilos de vida (Meroni, 2007). Estas iniciativas locais empregam os recursos disponíveis no território com o propósito de resolver problemas da vida cotidiana, promovendo métodos criativos de interação social de forma sustentável (Arruda *et al.*, 2016). A superação das assimetrias características da economia informal demanda, portanto, sinergia entre políticas públicas, iniciativas comunitárias – como as comunidades criativas – e aportes técnicos especializados. A combinação de diagnóstico preciso das lacunas informacionais, enfrentamento do analfabetismo funcional mediante educação não-formal qualificada, emprego de metodologias horizontais e implementação de protocolos colaborativos cria condições para a inclusão produtiva.

O design social atua como catalisador na mediação entre saberes especializados e as complexidades da economia informal, operando como ponte ao traduzir necessidades estruturais em soluções sistêmicas viáveis. Ao enfrentar barreiras como o analfabetismo funcional – que limita o acesso à informação e à capacitação técnica –, esta abordagem propõe estratégias centradas na mediação cognitiva e na construção colaborativa, alinhando-se ao conceito de inovação social. Esta é definida como o processo que visa contribuir para a melhoria social, a experiência e o bem-estar humanos a partir dos meios disponíveis, facilitando a execução local (Arruda *et al.*, 2016).

O designer social, nesse cenário, opera na intersecção entre desenvolvimento humano e capital social, concebendo novos produtos e processos rentáveis econômica e socialmente (Manzini, 2015; Margolin, 2002). Atua mediante dois eixos operacionais: primeiro, na transposição didática rigorosa de conceitos para linguagens acessíveis; segundo, na estruturação de protocolos sequenciais integrados que viabilizam trajetórias progressivas de formalização. Esses protocolos, baseados em tecnologias sociais de baixo custo e gestão participativa, potencializam ecossistemas locais de inovação. Ao valorizar saberes tácitos e fortalecer redes comunitárias, o design social não apenas mitiga lacunas informacionais, mas cria infraestruturas de apoio que convertem vulnerabilidades em oportunidades de organização produtiva.

2.4 Acesso à Internet e Novas Tecnologias

Então, de forma geral, o informal é desprovido de orientações no nível instrucional do seu negócio, empreendedorismo, contabilidade, jurídica e ainda distante a chegada de soluções efetivas a esses trabalhadores. Estudos destacam que, embora haja iniciativas de educação empreendedora informal, elas ainda apresentam lacunas significativas em termos de conteúdo direcionado, avaliação de resultados e adaptação às necessidades específicas de públicos como vendedores ambulantes ou pequenos empreendedores (Sorokin; Povalko, 2021; Okeke; Alonta, 2023).

Assim, basicamente, não há nenhuma solução efetiva de design para a orientação formal e técnica para o entendimento e noção de negócio e empreendedorismo que chegue de forma fácil e prática às mãos desses trabalhadores que pretendem



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

urgentemente solucionar suas demandas de sustento familiar por meio da venda de produtos. Os “produtos ou ferramentas” usados no trabalho da informalidade são conceituados como Design de Base Popular (DBP), que são artefatos que auxiliam na comercialização de produtos/serviços utilizados por vendedores ambulantes, especificamente a respeito das preocupações que evidenciam os aspectos relativos à função prática, de uso (Macedo, 2020).

Pesquisas mostram que a aprendizagem informal e a prática deliberada são importantes para o sucesso empreendedor, mas não substituem a ausência de orientações técnicas e formais acessíveis, especialmente para quem busca soluções rápidas para demandas de sustento familiar (Keith *et al.*, 2016).

O acesso à internet e a dispositivos móveis tem potencializado a busca por informações relacionadas a negócios por parte de empreendedores informais. No entanto, a ausência de orientações acessíveis e adaptadas a seu perfil cognitivo e técnico limita o uso efetivo dessas ferramentas. Neste contexto, o design social pode atuar na mediação entre tecnologia, como plataformas de orientação empreendedora ou tutoriais visuais para gestão básica.

3 Metodologia

3.1 Caracterização da Pesquisa

Esta investigação configura-se como uma pesquisa aplicada de natureza exploratória e abordagem qualitativa, baseada em uma revisão narrativa integrativa da literatura, combinando estudos teóricos fundamentais sobre design social e economia informal com análises de casos práticos concretos. O foco recai sobre iniciativas de tecnologias sociais e práticas de educação popular, buscando compreender suas interrelações e contribuições no contexto investigado. Esta triangulação entre fundamentação teórica e evidências empíricas visa construir uma visão abrangente do fenômeno estudado.

Esta pesquisa possui caráter aplicado ao propor, a partir da análise teórico-empírica, diretrizes concretas para a ação do design social no contexto do empreendedorismo informal. Seus resultados visam subsidiar futuramente a criação de artefatos ou plataformas que possam ser desenvolvidos em colaboração com comunidades de empreendedores informais.

3.2 Etapas da Pesquisa

A execução da pesquisa seguiu três procedimentos. Iniciou-se com a coleta de dados, abrangendo tanto a literatura teórica pertinente (design social + economia informal) quanto a análise de casos práticos previamente selecionados (iniciativas de tecnologias sociais e práticas de educação popular).

Foram incluídos artigos, livros, teses e relatórios publicados entre 2015 e 2024, nos idiomas português, inglês, espanhol, que abordassem: design social, participativo ou de



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



base popular; empreendedorismo informal, economia solidária ou trabalho ambulante; tecnologias sociais, educação popular ou analfabetismo funcional.

Os estudos selecionados foram analisados por meio de triangulação entre teoria e casos práticos, com categorização temática centrada nas barreiras de informação, educação e produção, e nas estratégias de mediação por meio do design, consolidando assim a análise crítica do tema.

4 Resultados e Discussão

A economia informal, caracterizada por atividades laborais não regulamentadas ou parcialmente inseridas na formalidade, configura-se como um espaço sócio-econômico com demandas específicas por conhecimento e habilidades. Trabalhadores deste setor frequentemente desenvolvem saberes práticos para gerir microempreendimentos, navegar em contextos de instabilidade e acessar redes de apoio comunitário, conforme evidenciado por Barros Júnior e Vieira (2024).

A intersecção entre design social, economia informal e tecnologias sociais configura um campo propício para intervenções voltadas à justiça social e ao desenvolvimento sustentável. Conforme demonstrado por Melara e Moura (2023), Fujita e Barbosa (2020), e Fornasier, Martins e Merino (2012), o design social opera como mediador entre saberes tradicionais e inovações técnicas ou organizacionais. Iniciativas como a Coopa-Roca (Fornasier *et al.*, 2012) ilustram essa mediação, integrando técnicas artesanais vernaculares com intervenção profissional, desvinculando a produção de uma imagem assistencialista e viabilizando inserção em circuitos econômicos contemporâneos.

Estratégias metodológicas específicas caracterizam essa atuação. O design participativo e o codesign promovem a coparticipação ativa das comunidades no processo de concepção e implementação de soluções (Melara; Moura, 2023; Fujita; Barbosa, 2020), favorecendo a apropriação local e a sustentabilidade. Paralelamente, a valorização e qualificação de cadeias produtivas locais recorrem a sistemas de design para aprimorar produtos, melhorar acabamentos e facilitar acesso a mercados (Riegel; Zuchetti, 2011). O emprego de tecnologias facilita a autonomia produtiva e a produção distribuída, reduzindo dependências de grandes infraestruturas (Melara; Moura, 2023).

As tecnologias sociais neste contexto transcendem a noção de artefatos, constituindo-se principalmente como metodologias participativas que ressignificam práticas produtivas locais. Projetos como a produção de jóias a partir de PET (Souza; Factum, 2009) ou sanitários secos (Guimarães, 2017) demonstram essa abordagem ao transformar resíduos em produtos, gerando trabalho e renda. Iniciativas catalogadas pela Rede de Tecnologia Social e Banco de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil (Araújo *et al.*, 2018) reforçam a produção de conhecimentos endógenos, ou seja, desenvolvem soluções, técnicas e saberes baseados em suas próprias experiências.

Persistem desafios significativos na transposição de soluções locais para políticas públicas escaláveis. Exemplo disso é o hiato entre o conhecimento técnico para



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



reaproveitamento de lama de minério na construção civil e sua implementação efetiva, devido à desarticulação setorial (Guimarães, 2017). O campo enfrenta lacunas no conhecimento atual, incluindo a heterogeneidade de formas organizacionais na economia informal, exigindo modelos adaptáveis (Fujita; Barbosa, 2020), e a avaliação do impacto social e sustentabilidade de longo prazo dos projetos. Observa-se também uma tensão estrutural: projetos sociais buscam benefícios coletivos, mas sua viabilidade frequentemente depende de mecanismos de mercado (Fujita; Barbosa, 2020). Limitações na sustentabilidade de empreendimentos informais, como desafios de clusterização e financiamento insuficiente (Guimarães, 2017), e dependência de investimentos iniciais elevados (ex.: polpeamento de casca de arroz) reforçam esses obstáculos.

A educação popular, com sua tradição de partir das realidades concretas dos grupos sociais, apresenta-se como abordagem pertinente para reconhecer e valorizar saberes experienciais construídos na economia informal (Barros Jr; Vieira, 2024; Araújo; Cruz, 2020). Sua interface reside na construção coletiva e contextualizada do conhecimento. Metodologias participativas e dialógicas problematizam condições de trabalho informal, analisam relações de poder e identificam estratégias coletivas, sistematizando experiências vividas e fortalecendo a autonomia.

Contudo, a ação educativa popular junto à economia informal enfrenta desafios estruturais. A natureza fragmentada, dispersa e individualizada do trabalho dificulta a criação de espaços coletivos estáveis. A pressão pela subsistência imediata reduz a disponibilidade para atividades formativas, exigindo flexibilidade metodológica e vinculação explícita entre educação e melhoria tangível das condições materiais (Umbelino, 2000). Apesar disso, a sinergia potencial aponta para dimensões transformadoras: ao fomentar organização coletiva e conscientização crítica sobre as causas da informalidade, pode contribuir para que grupos transcendam a lógica da sobrevivência, construam identidades coletivas como trabalhadores, reconheçam o valor social de seu labor e experimentem formas econômicas solidárias.

Superar as limitações identificadas exige avanços em direções específicas. É necessário desenvolver métricas robustas para avaliação de impacto social de longo prazo e criar modelos organizacionais adaptáveis à diversidade da economia informal. A reflexão ética sobre a relação entre design, mercado e transformação estrutural precisa ser aprofundada. Pesquisas futuras devem priorizar a co-criação de ferramentas avaliativas com as comunidades e análises comparativas de casos para identificar princípios transferíveis. A criação de plataformas colaborativas de crowdsourcing (Guimarães, 2017), capazes de integrar demandas sociais, expertise em design e mecanismos de fomento, apresenta-se como estratégia para otimizar a difusão de tecnologias sociais e fomentar parcerias intersetoriais.

Nesse sentido, a análise dos casos citados, desde a agregação de valor pela integração de saberes na Coopa-Roca até a geração de trabalho e renda a partir de resíduos, evidencia que o design social contribui para o empreendedorismo informal ao institucionalizar percursos de aprendizagem e produção. Sua atuação se materializa na



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



sistematização de informações acessíveis, na estruturação de processos educativos situados e no desenvolvimento de artefatos que respondem a necessidades materiais e simbólicas das comunidades de empreendedores informais. Desse modo, ele atua não pela simples transferência de soluções, mas pela criação de condições que permitam aos empreendedores informais requalificar suas práticas, consolidar seus empreendimentos e ampliar seu repertório de ação econômica.

5 Conclusões

A ligação mais estreita do especialista de design com os atores do processo do mercado informal, integrando os saberes populares com abordagens técnicas, propõe resultados significativos para mudança de cenário e possibilidades de novas abordagens, estabelecendo soluções viáveis para problemas de design tão carentes nesse meio.

Assim, a partir do levantamento bibliográfico sobre a condição do empreendedor informal e suas atribuições no mercado local e a coleta de dados onde o “ouvir” se torna uma ferramenta importante para o entendimento mais aprofundado, entende-se com mais clareza o que são as melhores práticas para o mercado local e suas características de promoção do empreendedorismo por meio das tendências, comportamentos e solução dos impasses da informalidade. Com isso, o design social pode estruturar sistemas de apoio ao empreendedorismo informal, integrando mediação cognitiva, prototipagem acessível e conexões mercadológicas sustentáveis, para fomentar o desenvolvimento de tecnologias para o mercado informal.

Diante dessa lacuna, a proposta dessa pesquisa que se apoia nessas análises mais acuradas quanto à visibilidade e importância do trabalhador informal, emprega-se a co-participação desses atores e os designers especialistas para serem criados pontes de auxílio técnico e profissional, no tocante à soluções práticas de um artefato digital compreensível e acessível a todos.

Consegue-se então, mapear as barreiras da informação, educação, treinamentos, assessoria e acesso à novas tecnologias, que são de grande importância ao mercado do empreendedor informal, para propor uma plataforma tecnológica, ou ainda, propor novos estudos de como o design participativo pode viabilizar e quebrar essas empecilhos para que surjam mais opções de soluções práticas e novos requisitos para projetos participativos e construção de novas alternativas.

Referências

ARAÚJO, R. S. de; CRUZ, P. J. S. C. **Educação popular e construção compartilhada do conhecimento:** debates teóricos. 1ª Ed. João Pessoa: CCCTA, 2020. Disponível em: <https://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/educacao/educacao-popular-e-construcao-compartilhada-conhecimento-debates-teoricos/livro-construcao-compartilhada-ebook-final.pdf> Acesso: 24 Jul. 25.

ARAÚJO, I. T; SANTOS, C. F; FREITAS, R. C. A; NOGUEIRA, L. C. B. Experiência da Fundação Banco do Brasil com as tecnologias sociais no semiárido. In: SIQUEIRA, E. S., and ARAÚJO,



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

I. T., eds. **Gestão social e agricultura familiar**: a construção e a materialidade de novas formas de administrar [online]. Mossoró: EdUFERSA, 2018, pp. 253-261. DOI: <https://doi.org/10.7476/9786587108636.0011>

ARRUDA, Amilton José Vieira de; OLIVEIRA, Antônio Roberto Miranda de; COSTA FILHO, Ismael Gaião da; SILVA, Paulo Roberto. **Design e interação social: processos de inovação social**. Recife: UFPE, 2016.

BARROS JÚNIOR, D. S; VIEIRA, J. de C. Economia informal nas capitais brasileiras: desafios e soluções. *Contribuciones a Las Ciencias Sociales*, v. 17, n. 6, 2024, e7285. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.6-044>

BETIM, L. M; RESENDE, L. M; JUNIOR, P. P. de A; PONTES, J; PETTER, R. R. H. Relações verticais e horizontais no processo de inovação e aprendizagem interativa: estudo em um aglomerado produtivo. **Gestão & Produção**, v. 25, n. 2, 2018, pp. 205-218. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-530X1028-16>

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Divulgados os resultados do PISA 2022. Brasília: INEP, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/acoes-internacionais/divulgados-os-resultados-do-pisa-2022>. Acesso em: 08 jul. 2025.

CARVALHO, F. M. de; ASSIS, L. B. de; D'ASSUMPÇÃO, L. **O trabalho ambulante e camelô: histórico das políticas regulatórias na cidade de Belo Horizonte**. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, v. 14, n. 1, e1544, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.23900/2359-1552v14n1-29-2025>

COSTA, Márcia da Silva. Trabalho informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. **Caderno CRH**, v. 23, p. 171–190, 2010.

DE JESUS, I. S; SENA, E. L. da S; ANDRADE, L. M. Aprendizagem nos espaços informais e ressignificação da existência de graduandos de enfermagem. **Revista Latinoamericana de Enfermagem**, v. 22, n. 5, 2014, pp. 731-738. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-1169.3265.2474>

DE SOUZA, D. C. **Mentoria como um processo em rede e seu impacto na construção de carreira profissional**: evidências na história de vida do executivo do Rapidão Cometa. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006, 129f.

DELL'AGNOLO, R. M; BOHN, A; DIP, C. E. O Ensino Horizontal Colaborativo como proposta de Metodologia Ativa. 5º CONPE, **Anais do 5º Congresso de Pesquisa do Ensino**, Sinpro-SP, 2016, ISBN: 978-85-67230-03-0, pp. 1-18. Disponível em: [https://www1.sinprosp.org.br/conpe5/revendo/Site/assets/re---o-ensino-horizontal-colaborativo---rosana-mari-a-dell-agnolo-\(29\).pdf](https://www1.sinprosp.org.br/conpe5/revendo/Site/assets/re---o-ensino-horizontal-colaborativo---rosana-mari-a-dell-agnolo-(29).pdf) Acesso: 15 Jul. 25.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



DRESCH, Aline; LACERDA, Daniel Pacheco; JUNIOR, José Antonio Valle Antunes. **Design science research**: método de pesquisa para avanço da ciência e tecnologia. Porto Alegre: Bookman Editora, 2020.

EHN, Pelle; DISALVO, Carl; LODATO, Thomas. **Participation and democratic dialogue**: design history and design studies. In: DISALVO, Betsy et al. (Ed.). Participatory design for learning: perspectives from practice and research. Cambridge: MIT Press, 2017. p. 25–36.

FORNASIER, C. B. R; MARTINS, R. F. F.; MERINO, E. Da responsabilidade social imposta ao design social movido pela razão. [Artigo]. **Repositório Institucional UFSC**, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1850> Acesso: 24 Jul. 25.

FUJITA, R. M. L; BARBOSA, L. L. Aspectos do Design abordados em Empreendimentos Sociais e Solidários: uma revisão sistemática. **Estudos em Design**, v. 28, n. 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.35522/eed.v28i1.887>

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Sion: IDE, 2005.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 50, Mar. 2006, pp. 27-38. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362006000100003>

GUIMARÃES, Lia Buarque de Macedo. Revisitando o design social com foco no design para desenvolvimento sustentável. Capítulo 5, pp. 49-64. In: **Ecovisões projetuais**: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: Acesso: 24 Jul. 25. DOI: <https://doi.org/10.5151/9788580392661-05>

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2022: Resultados do Universo – Alfabetização. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 07 jul. 2025.

IBGE. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2024. 180 p. (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, n. 54).

KAJI, A. K; GAZZI, B. C; SCHIMITD, B; SILVA, M. de J; ZOLLNER, M. S. A. da C. Desenvolvimento de um programa de mentoria por pares estudantis: um relato de experiência. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, sup. 1, 2021, e117. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.supl.1-20210117>

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF: estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho. **Ação Educativa**. São Paulo, 2016. Disponível em: https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/INAFEstudosEspeciais_2016_Letramento_e_Mundo_do_Trabalho.pdf Acesso em: 07 jul. 2025.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



INSTITUTO VEREDAS. Retrato do trabalho informal no Brasil: desafios e caminhos de solução. **Fundação Arymax e B3 Social**, 2022. Disponível em: <https://retratodotrabalhoinformal.com.br>. Acesso em: 03 jul. 2025.

KEITH, N; UNGER, J; RAUCH, A; FRESE, M. Informal Learning and Entrepreneurial Success: A Longitudinal Study of Deliberate Practice among Small Business Owners. **Applied Psychology**, v. 65, n. 3, 515-540, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1111/APPS.12054>.

LIMA, André Luís de Oliveira. **Conhecimentos tácito e técnico**: implementações na função prática de artefatos de apoio à venda de trabalhadores informais em São Luís-MA. 2022.

MACEDO, Y. **Design de Base Popular**: o caso do trabalho de vendedores ambulantes; foco na função prática. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal do Maranhão, Maranhão. São Luís, p. 157. 2020.

MACEDO, C. S; ANDREUCCI, L. C; MONTELLI, T. de C. B. Alterações cognitivas em escolares de classe socio-econômica desfavorecida. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 62, n. 3b, Set. 2004, pp. 852-857. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0004-282X2004000500021>

MARTINS, P. M. D; BOSAK, V. X; OLIVESKI, D. L. de C; HOFF, B. B. da R; SALVADOR, R. F; MASSENA, J. R. H. Mentoria entre pares na escola médica: uma estratégia colaborativa durante a pandemia da Covid-19. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, sup. 1, 2021, e118. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.supl.1-20210143>

MANZINI, Ezio. **Design, when everybody designs**: an introduction to design for social innovation. Tradução de Rachel Coad. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2015.

MARGOLIN, Victor. **The designer as producer**. Copyright © 2002 Victor Margolin. Publicado originalmente em ICSID News, fevereiro de 2002.

MATTOSO, Jorge. **A desordem do trabalho**. São Paulo: Scritta, 1996.

MELARA, L. F; MOURA; M. C. de. O designer como agente de transformação social. Cuaderno 191 | Centro de Estudios en Diseño y Comunicación, 2023, pp. 179-187. DOI: <https://doi.org/10.18682/cdc.vi191.9554>

MERONI, Anna. **Creative communities**: people inventing sustainable ways of living. Milano: POLI.design, 2007.

MUSARA, M.; NIEUWENHUIZEN, C. Informal sector entrepreneurship, individual entrepreneurial orientation and the emergence of entrepreneurial leadership. **Africa Journal of Management**, v. 6, n. 3, p. 194–213, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23322373.2020.1777817>. Acesso em: 02 jul. 2025.

OCDE. A educação no Brasil: uma perspectiva internacional. Tradução: Todos Pela Educação. São Paulo: **Todos Pela Educação**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/60a667f7-en>. Acesso em: 07 jul. 2025.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



PPGdG UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

OKEKE, I; ALONTA, G. Entrepreneurship Education and Informal Sector: Implications for Sustainable Economic Development. **International Journal of Research and Scientific Innovation**, v. 10, n. 8, 297-305, 2023. DOI: <https://doi.org/10.51244/ijrsi.2023.10824>.

PAMPLONA, João Batista. Mercado de trabalho, informalidade e comércio ambulante em São Paulo. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 225–249, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/PKSSWstScBPNT8RsGmR6WTs/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

PORTO, I. C. dos S; DA SILVA, A. L. F. Educação não formal: uma revisão de literatura em periódicos científicos no portal da CAPES no período de 2012 a 2021. **Revista Educar Mais**, v. 7, 2-23, pp. 144–162. DOI: <https://doi.org/10.15536/reducarmais.7.2023.3085>

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo funcional: referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. **Educação & Sociedade**, n. 18, v. 60, Dez. 1997, pp. 144-158. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73301997000300009>

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. ISBN 8532600271.

RIEGEL, S.; ZUCHETTI, D. T. Design de produto e o artesanato. **Revista Conhecimento Online**, v.1, 2011, p.22-32. DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v1i0.159>

SALVI, E.; BELZ, F.-M.; BACQ, S. Empreendedorismo informal: uma revisão integrativa e agenda de pesquisa futura. **Teoria e Prática do Empreendedorismo**, v. 47, n. 2, p. 265–303, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/10422587221115365>. Acesso em: 03 jul. 2025.

SANTOS, Jasmiria Aparecida Pereira dos. **Analfabetismo funcional no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Tecnologia, Ciências e Educação, FATECE, Americana, 2023. 35 f. Disponível em: <https://fatece.edu.br/sumario/arquivos/pedagogia2023/Tcc%20Jasmiria%20.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2025.

SEBRAE. **A formalização do MEI assegura o trabalhador autônomo**. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ac/artigos/a-formalizacao-do-mei-assegura-o-trabalhador-autonomo,4374faf297726810VgnVCM1000001b00320aRCRD>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SILVA, D.; NASSIF, V. M. J. Trabalho por conta própria e informalidade: dinâmicas, desafios e implicações socioeconômicas. **IOSR Journal of Business and Management (IOSR-JBM)**, v. 27, n. 4, p. 22–29, 2025. Disponível em: www.iosrjournals.org. Acesso em: 02 jul. 2025.

SOROKIN, P; POVALKO, A. Informal Entrepreneurship Education: Overview of the Russian Field. **Foresight and STI Governance**, v. 15, n. 4, 2021. DOI: <https://doi.org/10.17323/2500-2597.2021.4.22.31>.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir



SOUZA, F. A. de .; ROCHA, G. K. da; SANTOS, D. M. dos. A educação não formal e sua contribuição para a comunicação e formação social do sujeito. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 17, n. 49, 2024, pp. 723–740. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10614319>

UNESCO. Relatório Anual da UNESCO no Brasil de 2019. Paris; Brasília: **UNESCO**, 2020. Disponível em: <http://www.unesco.org/brasil3>. Acesso em: 09 jul. 2025.

TERRON, Felipe Sangaletto; TERRON, Letícia Lourenço Sangaletto. O empreendedorismo informal brasileiro e o desenvolvimento econômico. In: EDITORA CIENTÍFICA. **Desenvolvimento econômico: desafios contemporâneos**. 1. ed. São Paulo: Editora Científica, 2022. Cap. 63, p. 910–927.